EMP 2.1.6.110

O primeiro jornal de estudantes

Desde a fundação dos cursos jurídicos no Brasil em 1828, e durante todo o século XIX, a Faculdade de Direito de São Paulo destacou-se como um centro de intensa movimentação literária. No Romantismo principalmente, desempenhou papel relevante, tornado-se mesmo o ponto de concentração e irradiação de certas tendências que marcaram de forma característica uma das fases, dita "byroniana", desse movimento na literatura de nosso País.

ONÉDIA CÉLIA DE CARVALHO BARBOZA

O grande número de revistas e jornais em parte ou exclusivamente literários, publicados por estudantes de Direito no século passado — tradição, que, diga-se de passagem, ainda se estendeu até o nosso século — atestam a atração que a literatura, e não apenas a ciência do Direito e a política, exerceu no ambiente acadêmico. Poderíamos citar dezenas deles, uns de vida bastante longa como a *Revista Mensal de Ensaio Filosófico Paulistano* (1852-1864) e os *Ensaios Literarios do Ateneu Paulistano* (1835-1860), mas a maioria de existência efêmera como a *Revista da Sociedade Filomática* (1833), *O Acayaba* (1852-1853), o *Guayanã* (1856), os *Ensaios da Sociedade Brasilia* (1859), a *Revista da Academia de São Paulo* (1859), a *Revista Dramática* (1860), a *Revista da Academia Literária* (1863), etc.

DESDE O INÍCIO

Na verdade, a imprensa acadêmica paulista já se inaugura sob influência de motivação literária. Seu primeiro orgão é *O Amigo das Letras*, cujo conteúdo é, em sua maior parte, formado de matéria dedicada à literatura.

Esse primeiro jornal de estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo permaneceu por muitos anos fora do alcance dos estudiosos de nossa imprensa e literatura, perdido, como tantos outros importantes documentos de nosso passado histórico e literário, em algum baú ou porão escuro. Sabia-se apenas de sua existência, por referências não somente esparsas como parcas em detalhes esclarecedores.

Na *Revista da Academia*, de 1859, seus redatores, Couto de Magalhães e Joaquim de Camargo, explicam, no prefácio, que pretendem consagrar algumas páginas à história da Academia e entre os inúmeros trabalhos realizados por estudantes que procuraram "desenterrar", mencionam, em primeiro lugar, *O Amigo das Letras* (1). Mas limitam-se à citação de seu nome, sem referência à data de publicação ou qualquer outro tipo de comentário. A partir do nº 4 da *Revista da Academia*, Couto de Magalhães começa a publicar o seu "Esboço da História Literária da Academia" e quando passa a tratar das primeiras associações e jornais acadêmicos escreve o seguinte:

> "O leitor há de em muitos casos julgar a obra cheia de lacunas: e com efeito assim é. Apesar de todo o ardor que empreguei em descobrir jornais que aqui têm sido publicados em diversas épocas pelos estudantes, de muitos não pude obter mais do que notícias vagas". (2).

NOTÍCIAS VAGAS

Um dos jornais do qual Couto de Magalhães deve ter tido apenas "notícias vagas" seria *O Amigo das Letras*, pois nada mais há sôbre êle nos artigos que compõem o *Esboço da História Literária da Academia*.

Dos trabalhos de levantamento da imprensa paulista, o de Lafayette de Toledo limita-se a registrar-lhe o título e o ano de publicação, *1830* (3). O de Afonso A. de Freitas acrescenta que se trata de "jornal acadêmico redigido por Josino do Nascimento Silva e outros estudantes de Direito da Academia de S. Paulo". O autor desculpa-se pela escassez dos dados:

> "Além da informação de se tratar de um orgão exclusivamente literário, nada mais nos foi possível saber relativamente a esta publicação". (4)

Tanto Sacramento Blake no seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, como Almeida Nogueira em sua crônica sôbre a Academia de São Paulo, tratando da biografia de Josino do Nascimento Silva, citam *O Amigo das Letras* entre os periódicos em que êsse colaborou, mas não fornecem outros pormenores. O primeiro apenas menciona o fato de ser o jornal de São Paulo (5), e o segundo, de que se trata de atividade da quadra acadêmica do biografado. (6)

"O Olindense", 1831

Mais recentemente, Helio Viana, em seu *Contribuição à História da Imprensa Brasileira* (1812-1869), ao procurar determinar qual fôra o primeiro jornal de estudantes do Brasil, menciona *O Amigo das Letras*, cuja procedência e ano de publicação não desconhece, mas sente-se na obrigação de considerar realmente como primeiro o pernambucano *O Olindense*, de 1831, "na impossibilidade....de ser conhecido esse fruto inicial de imprensa de São Paulo" (7).

Hoje é possível consultar "O Amigo das Letras" na Biblioteca Nacional, no Rio

Entretanto, hoje é possível consultar *O Amigo das Letras* na seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que possui o que parece ser a sua coleção completa: um volume de 288 páginas contendo 24 números. O volume deu entrada na Biblioteca em 1959, segundo a data que consta na ficha de consulta.

O periódico era impresso na Tipografia do Farol Paulistano, e trazia como epígrafe um verso de Ovídio, "Dulcique animos novitate tenebo". Saía semanalmente; seu primeiro número é datado de 4 de abril de 1830 e o vigésimo quarto número, o último provavelmente, é de 29 de setembro do mesmo ano.

Ao que tudo indica o principal responsável pela publicação foi Josino do Nascimento Silva, fluminense de Campos, cuja turma acadêmica é a de 1830/1834 (8). Assim, em seu 1º ano acadêmico, inaugura Josino do Nascimento sua carreira de jornalista, inaugurando também a imprensa acadêmica paulista. Sua carreira política foi muito rica e bem sucedida, tendo chegado a presidente das províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, mas o jornalismo e a literatura parecem ter sempre exercido especial atração

O jornal trazia como epígrafe um verso de Ovídio; o primeiro número é de abril de 1830

sôbre êle. Entre outros periódicos em que colaborou citam-se o *Diário do Rio*, o *Jornal do Comércio*, *O Cronista*. Em 1839 imprime no Rio de Janeiro outra revista literária, *A Revista Nacional e Estrangeira*, juntamente com Pedro de Alcantara Belegarde e João Manoel Pereira da Silva (9). Segundo Couto de Magalhães, foi também um dos fundadores do teatro acadêmico (10). É possível que tenha pertencido também à Sociedade Filomática — a primeira das inumeras associações literárias que se fundaram na Academia de São Paulo no século XIX — pois foram seus colegas de turma Francisco Bernardino Ribeiro e Antonio Augusto de Queiroga, figuras importantes na criação da referida Sociedade.

A apresentação de *O Amigo das Letras* ao público no 1º número é um misto de ideais arcádicos de moralismo e aspirações de liberdade, ditadas pela recente condição do Brasil como país independente. Segundo o redator, dois são os principais objetivos da publicação: "Radicar profundamente o amor da liberdade no coração de seus leitores" e "animá-los a respeitar, e à promover a moral pública, sem a religiosa observância da qual cai em desprezo a prática dos bons costumes, e periga a independência das nações".

Para isso recorrerá "aos Publicistas de maior renome, e aos literatos mais abalizados, antigos e modernos, assim nacionais como estrangeiros". Mais adiante dá uma lista, bastante ambiciosa, de assuntos que "encherão as páginas" de *O Amigo das Letras:*

O principal responsável pelo jornal era um fluminense, Josino Nascimento Silva

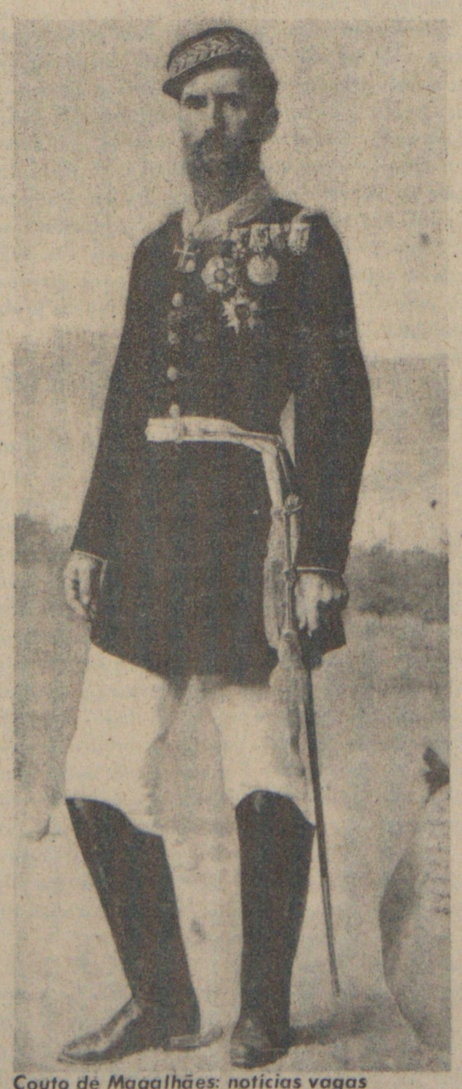
> "O desenvolvimento dos eternos e sagrados princípios das Sociedades, que a um tempo apresentem ao cidadão o complexo de seus direitos, e a norma de seus deveres; Filosofia prática: Descrições históricas: Alegorias: Cartas: Discursos oratórios: Diálogos Filosóficos: caracteres políticos, literários e morais; e além d'estes, Máximas e Anedotas escolhidas; são estes os artigos, que encherão as páginas do *Amigo das Letras*. Em suma, este jornal, oferecendo aos leitores variados exercícios de análise, de desenvolvimento oratório e de crítica, apresentar-lhes-á, ao mesmo tempo, excelentes lições de virtude, de humanidade e justiça, de amor da pátria, do desinteresse, e do bem público".

Como vemos, uma publicação bem dentro do espírito neoclassicista de oferecer "instrução e recreio", com preocupações filosóficas e intenções moralistas e didáticas.

Cronologicamente, o jornal situa-se no período da literatura brasileira que poderíamos denominar de pré-romantico, fase de transição entre o Neoclassicismo arcádio e o Romantismo, delimitado pelos historiadores de nossa literatura de 1808 a 1836 (11). E, na verdade, se seu caráter, claramente evidenciado na apresentação que acabamos de comentar, e as produções originais estão inteiramente ajustados aos moldes do Classicismo, por outro lado, a presença de certos nomes

Foi sob as Arcadas do largo de São Francisco que nasceu o primeiro jornal acadêmico

Uma produção classissista



Couto de Magalhães: notícias vagas

entre os numerosos autores estrangeiros traduzidos, não deixam de revelar prenúncios de Romantismo. É, assim que a par de expoentes da literatura clássica européia como Boileau, Florian, Samuel Johnson, Pope, Addison, Steele, encontramos nomes de autores decididamente ligados aos seus períodos pré-romântico e romântico: Rousseau, Haller, Mme. de Stael, Chateaubriand, Lamartine.

Entretanto, em nenhum momento demonstram os redatores e colaboradores do jornal terem consciência de que uma revolução literária havia tido lugar na Europa.

Cronologicamente o jornal situa-se na literatura classificada de Pré-romântica

A revolução política, que nos dera a independência, essa sim, é aclamada e exaltada. A preocupação com a liberdade política e individual é constante em todo o periódico, mas não há sinais de uma correspondente inquietação com referência a um ideal de libertação literária.

Não se encontram artigos teorizantes ou polêmicos. A literatura é aceita como um legado do passado, não havendo necessidade de explicações, defesas ou ataques.

Mas a presença de autores traduzidos revela já os prenúncios do Romantismo

A discussão das novas idéias e tendências literárias, que apenas três anos mais tarde iria constituir parte importante da matéria da *Revista da Sociedade Filomática*, não perturba ainda a placidez clássica, conformista e convencional, dessa primeira manifestação da imprensa acadêmica paulista.

(1) Revista da Academia de São Paulo. S. Paulo, nº 1, 1859; p. 4. 2 Idem; nº 4; p. 257.
(3) Lafayette de Toledo — Imprensa Paulista. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. S. Paulo, v.3, 1898; p. 385
4 Afonso A. de Freitas — A Imprensa Periódica de São Paulo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. S. Paulo v. 19, 1915; p. 357.
(5) Sacramento Blake — Dicionário Bibliográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1883 — 1902, v. V, p. 239.
(6) J.L. de Almeida Nogueira — A Academia de São Paulo — Tradições e Reminiscências. São Paulo, Tip. "A Editora", 1909, v. 6; p. 121.
(7) Hélio Viana — Contribuição à História da Imprensa Brasileira (1812-1869). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945; p. 43.
(8) Spencer Vampré — Memórias para a História da Academia de São Paulo. São Paulo, Saraiva Editores, 1924; v. 1, p. 182.
(9) Sacramento Blake — op. cit.; p. 239-240.
(10) Revista da Academia de São Paulo; p. 261
(11) Afranio Coutinho (dir) — A Literatura no Brasil. 2º ed. Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana, 1969; v. 2, p. 19.

ADONIAS FILHO RECEBEU OCTAVIO DE FARIA NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS NA NOITE DE 6 DE JUNHO. FOI ESTE O SEU DISCURSO DE SAUDAÇÃO

"Sois o escritor que confirma o nosso respeito pelos melhores"

"O lugar certo e justo"

Muito moço ainda quando vistes Alberto de Faria chegar, nesta Academia, para ocupar o lugar certo e justo. E também vistes quando chegaram dois outros escritores da vossa Casa, Afrânio Peixoto e Alceu Amoroso Lima, aqui trazidos pela contribuição à literatura e a presença na inteligência brasileira. A Academia, pois não, será uma expectativa para quem a conhece, é por assim dizer na intimidade, desde a adolescência. Mas, se três escritores de vossa Casa conquistaram uma tradição para a vossa família, neste Academia, é certo que a Academia, por sua vez e por isso mesmo, não perdeu um só dos vossos trabalhos como escritor de ensaios, dramatargia e romances. Foi daí, dessa observação ininterrupta que começa com a publicação de "Maquiavel e o Brasil" até "O Indigno", que sobreveio a certeza de que éreis tão digno desta Academia quanto o foram os outros escritores da vossa Casa. O nosso orgulho de vós, pois, começou antes de vossa própria eleição.

E vos asseguro que dêsse orgulho participou o melhor dos companheiros — Levi Carneiro — sempre a exigir como reinvidicação vosso direito a esta Academia Maior seria o orgulho pudesse ter ouvido, em vosso elogio, a humana configuração de tôdas as suas virtudes. E maior ainda o orgulho fôsse possível vos ver, agora na cadeira 27, a cadeira de Joaquim Nabuco que êle ocupou durante trinta e seis anos. O destino quis e decidiu que Levi Carneiro, um dos maiores dos vossos admiradoress, tivesse a vós como o substituto.

O destino preside o encontro

O destino, que é uma das motivações de vossa sondagem intelectual para o reconhecimento da criatura, êsse destino fêz com que nos encontrássemos — e precisamente em 1936 — no ano mesmo da eleição de Levi Carneiro. Trinta e seis anos de amizade e convivência e diálogo que, agora nos pondo um face ao outro, obriga-nos a lembrar os que, não fôsse a morte, aqui estariam para vos aplaudir. Sei e juro que, embora tomados pela morte, Córnelio Pena e Lúcio Cardoso — os de cada dia e todos os anos — não devem estar distantes. Mas, se há os que se dispersaram pela morte, há os que mais se uniram à sombra dêsse longo tempo.

Grande e vários são os valores humanos. Nós, que os trabalhamos como romancistas, conhecemos a todos. Autoridade temos, em consequência, para dizer que nenhum outro superará o único capaz de explicar e justificar a contemporaneidade: a amizade, precisamente a amizade, essa amizade que se estabeleceu e consolidou em tôrno das idéias e da literatura. Difícil ou quase impossível reerguer os debates, as teses e as colocações, tudo o que foi durante tantos anos a matéria do nosso diálogo.

E diálogo tão vosso quanto de Cornélio Pena, tão de Lúcio Cardoso quanto de Rachel de Queiroz — que espero ver dentro de pouco tempo, aqui, eleita como vós, membro desta Academia —, o diálogo do nosso pequeno grupo que apenas a morte conseguiu desfazer.

Não é hora, porém de recordar.

Esse lado exterior, histórico e biográfico, não deve interessar ao autêntico escritor que tem na obra a verdadeira vida. A exégese dessa obra em busca da contribuição e irradiação, o exame verticalmente crítico que possa atingir a consciência da criação, isso é o que realmente importa. E sobretudo importa para que confirme que a literatura é hoje um veículo de reconhecimento do homem e do mundo mais importante que as ciências e a filosofia. E vós, senhor Octávio de Faria, sois o exemplo do escritor de obra assim indispensável para a compreensão do homem como um ser da condição e da sociedade. Interessado numa concepção em bloco, espécie de reino que o velho Julien Breda situaria como o da rebelião da vida contra as idéias, tamanho e fundo escafândrico que não a conformaremos sem à visão total de vossa obra.

O ensaio antes da ficção

Não será difícil perceber, em consequência, porque o ensaista antecede o ficcionista na inquirição de problemas e teses. O escritor que estréia com "Maquiavel e o Brasil" em 1931 — e há quarenta e um anos a trabalhar sem temer as mudanças e ferir a coerência —, já denunciava pelo universalismo da catolicidade os compromissos brasileiros de romancista. A preocupação social que densamente se reflete no "Destino do Socialismo", ao invés de anular, revigora e amplia aquela catolicidade. Não tardaria, porém e como estudo crítico de "Dois Poetas" — Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Morais —, a prova da vocação literária nesse ensaista nascido para a análise das idéas e dos acontecimentos sociais. E essa vocação tudo ultrapassa e de tal modo que, no ano decisivo para a obra que é 1937, o ensaista de "Cristo e César" se integra no romancista de "Mundos Mortos".

O momento, efetivamente, é decisivo.

O teorista Octávio de Faria, como logo depois Mário de Andrade o chamará, não fugirá das idéias sociais e a vocação mesma não permitirá qualquer escapismo. O que há ao lado da transferência dos problemas para a ficção, e a partir de "Mundos Mortos", é a pluralidade da dimensão temática, quando os episódios imediatos se articulam com a visão intemporal do homem da vida e do mundo. A confissão está em "Cristo e César" e inequívoca é a exclamação: "sinto-me cristão, católico mesmo, até as entranhas e no sangue que me corre nas veias!

Adonias Filho: "não trair o grande inquiridor"

Relações ostensivas entre a ficção e o cinema

A preparação intelectual já se fizera no ensaista, a posição já fora tomada, estabelecera-se mesmo uma cobertura artística. O crítico de poesia já neste momento se identificava com um dos fundadores do "Chaplin Club" e que não tinha como evitar o relacionamento da novelistica com o cinema. Ostensivas, efetivamente, as relações da ficção com o cinema. E o autor de "Significação do Far-West" e de "Pequena Introdução à Hsitória do Cinema" sabia que, servindo-se da imaginação novelistica como de uma matéria prima, favorecendo ao romance a conquista de um imenso espaço fora de si mesmo, o cinema não apenas necessitava como aprendia com o ficcionista. O processo de contar, a técnica narrativa, a atmosfera, o episódio, a personagem caracterizada, a montagem, o "flashback" e o próprio "screenplay" foram elementos da ficção que o cinema incorporou à sua linguagem e seu artesanato "Os ficcionistas do passado — observa John Gassner — tiveram extraordinário senso cinematográfico. E o grande exemplo, se fosse perdido, seria Tolstoi.

A vossa preparação intelectual, senhor Octávio de Faria, inclusive com a correlação artistica entre a novelística, a poesia e o cinema, estava completa quanto tivemos o romance "Mundos Mortos". E, nessa formação, a parte religiosa que será uma constante e o agente imediato da problemática inteira. O compromisso cristão, em uma palavra, que submerge na procura extrema das mais graves questões do homem. O biográfo e divulgador de Léon Bloy — autor desse livro justo e compreensivo que é "Fronteiras da Santidade" — chegará ao romance e ao teatro fiel ao compromisso com o Cristo. A vossa unica peça de teatro, "Tres Tragédias à Sombra da Cruz", muito esclarece esse compromisso, que tangido pela inquietação religiosa, articula em vossas proprias palavras" "as forças de vida e as forças de pensamento". É o encontro, à sombra da Cruz e dos vossos autores preferidos — Pascal e Dostoievski, Kierkegaard e León Bloy — mas, o encontro com a trágica e obscura zona existencial.

"Mundos Mortos", 35 anos

Inevitável, pois, seria inevitável que êsse encontro — ao qual se somaria a vossa vocação socialmente participante — vos levasse ao processo da "tragédia burguesa". O romancista que abre o ciclo com "Mundos Mortos" — há trinta e cinco anos a fixar o processo da burguesia brasileira em saga de crise e danação — e em consequência dessa reprojeção cristã na devassa social, logo se integrava no grupo de vértice dos ficcionistas católicos. As aproximações justificam as afinidades e o vosso entrosamento, quando não com o romance católico, pelo menos com a catolicidade. Não me interessa agora, e aqui, o debate sempre aberto se há ou não um "romance católico". Interessa-me é o vosso encontro — e quero repetir — o vosso encontro com a ficção existencialmente inquiridora e contemporânea de Mauriac, Bernanos, Malégue, Chesterton, Graham Greene e Mario Pomilio.

Perdoai-me a tentativa de análise, senhor Octávio de Faria, mas a conclusão é que vós e os outros — romancistas cristãos como Dostoievski — escolheram o mais nu de todos os palcos. Não há cenários em quaisquer dos lados. É mesmo o espaço biblico que mostra a criatura na condição de sofrimento, entregue à sua própria liberdade para a salvação, herdeira de pecados e solidão e angústia. O exame do comportamento, nas reações, percepções e sensações, se torna, pois uma captação tão psicologica quanto interiorizante. E, como resultado imediato, surge a absoluta falta de gratuidade dessa escavação que a contingência social mais dramatiza.

Não há concessões. E, em consequência, nenhum artifício que possa sacrificar o reconhecimento daquela criatura que — na palavra de Camus sobre Kafka — em si mesma congrega a vida cotidiana e a inquietação sobrenatural. A busca, e porque socrática no sentido de um só pensamento em todas as posições conflitantes, a busca é dialética. E quanto mais, que, nu o palco e nele a critura de Deus na violência interior das crises e dos conflitos, é a consciencia — a nossa humana consciência — que se converte em matéria de ficção. As linhas maiores, apesar da ação, episódica que subsista do lado de fora, estão no plano da consciência. E não será por outro motivo que, em consequência desse plano, pesado sempre de expectativas e aflições, alguns dos vossos principais personagens são sacerdotes católicos. As duas órbitas do caráter trágico, e como diria Charles Osborne McDonald — o analista excepcional da retórica da tragédia —, precisamente a das afeições normais e a das paixões ilógicas, conformam a individualidade dos vossos que são como os heróis trágicos da Renascença.

O romancista, que irá descer à consciência para existencialmente atingir o ser na destinação e na liberdade, iniciava o ciclo — esse extraordinário ciclo da "Tragédia Burguesa" — com um desses personagens, o padre Luís. O ciclo senhoras e senhores, e como acabamos de verificar, já se abriu. Um tempo literário novo que impôs a tragédia precisamente porque a figura superou o cenário e o problema superou o episódio. O grande romancista, que sois vós, acaba de tomar nas mãos as leis da existência para, através do processo de uma classe social, invadir os maiores problemas do homem.

O ciclo é já um universo

Dar-se-á a abertura através do romance "Mundos Mortos", porta de entrada de um universo dramático e vivo, matriz de todos os caminhos posteriores que configuram o ciclo — a "Tragédia Burguêsa", — hoje uma das bases mais importantes da ficção em língua portuguêsa. Frente aos adolescentes, heróis comuns que sempre retornam nos doze romances publicados e já a vós denunciavam como um extraordinário criador de homens, o impacto do lançamento não pode ser ignorado. O romance surgia quebrando a rotina novelística porque, se por um lado mantinha a tradição imediata, subordinando a inquirição social à descoberta dos valores humansos, pelo outro transmitia à nossa ficção um conteúdo metafísico ao descer na consciência e no sangue para animar as questões religiosas em termos de pecado e salvação, de culpa e castigo, na transposição da vida em representação da tragédia. Tornou-se impossível para muitos, e então, alcançá-lo em sua própria efervescência temática.

Não tardaria a provar-se, entretanto, que o romance "Mundos Mortos" — mesmo em sua autonomia, fora do ciclo, isolado em sua própria órbita — não fora escrito para um tempo certo. Demonstra-o, agora, sua duração. Essa resistência talvez se explique como uma consequência da apreensão existencial através da vivência episódica. Fazendo-o mover em uma atmosfera complexa e dentro, com o foco direto nos problemas da adolescência da sociedade carioca do nosso século, o romancista superava a linha novelística comum ao estabelecer o exame por dentro sem perder os contatos sociais. A tragédia burguesa, na fixação literária, em uma palavra, começa em suas páginas.

Eixo do ciclo ficcional

Nêle, sempre um romance de crise em consequência de sua vinculação com a adolescência, abrem-se como caminhos os eixos maiores do ciclo ficcional. O ciclo, em consequência, não poderia dispensá-lo. As criaturas que vão andar, e vão crescer em sofrimentos e paixões, estão nascidas nos conflitos dos seus capítulos. Acionando-as, personagens em seus próprios roteiros, sujeitos ao bem e ao mal, o romancista não as abandona sem explicá-las — na interferência que se fará clássica em sua obra — como um participante em compromisso com certos valores da vida. E talvez por isso é que o romance "Mundos Mortos" não perdeu sua dimensão excepcional. Sem esmorecer na responsabilidade de abertura do ciclo, a êsse ciclo continua a manter como o ponto de partida.

O ciclo, agora já é um universo. Vertical, trepidante, violento, mas um universo que, a levantar a fisionimia da sociedade burguesa carioca dêste século, amplia-se de tal modo que não tem emo evitar o encontro com os maiores problemas do mundo e da vida. Não me importam as relações, aproximações ou correlações com autores como Balzac, Proust e Galsworthy. Tudo o que importa nesse painel ainda incompleto — no qual será possível perceber o solo tolstoiano — tudo o que realmente importa é o grupo de destinos que reflete um tempo de crises quando os nervos se rasgam para a mesma tragédia de miséria e nobreza, pecado e inocência crime e castigo instinto e liberdade, fé e loucura, Deus e demônio, ps polos entre a Sombra da Cruz e o Senhor do Mundo. E no centro dessa rotação, que é a da vida em todos os abis-instinto e liberdade, fé e loucura. Deus e demônio os po cióloga, a psicologa e a metafísica.

As tres zonas distintas

Três zonas distintas — a fixação de uma classe social a inquirição nas raízes do coração humano, a imersão existencial na procura do próprio sentido de Deus —, três zonas distintas porém que se interpenetram para, no conjunto, não ser possível acrescentar coisa alguma. Mas o que surpreende, na continuidade temática, na representação móvel, é a técnica narrativa como se fôsse inteiro. O romancista não permite que a ação se transporte objetivamente, realizando-se, dominada pela realidade que acontece. Condiciona-a à movimentação mental, sobre tudo o solilóquio e o monólogo, que sempre põe a personagem em discussão interior antecedendo a cena. Divide-se a ação de modo flagrante. O primeiro plano é interno, traduzido na descoberta do acontecimento, a prova introspectiva, o "plano do argumento". O segundo é externo, o quadro vivendo em duração visual, o "plano do episódio". Situada a ação entre argumento e o episódio, nela se escoram os três movimentos fundamentais — sociológico, psicológico, metafísico — do ciclo ficcional.

Uma densidade especulativa

E, através desse processo, que tritura a mesma carne em todo o ciclo da "Tragédia Burgessa", não permite a leitura calma. A densidade especulativa, principalmente em um livro excepcional como "O Senhor do Mundo", essa análise dialética que escava a figura e o problema na linha invariavel do pessimismo cristão, não sacrifica o tempo social brasileiro. E, se por um lado força as portas estreitas a ferir o "nosso ser todo inteiro", como diria Charles du Bos, pelo outro provoca o debate social com a nossa participação e o vosso testemunho. E uma atmosfera em convulsão o que realmente se move.

E melhor se completará a vossa presença, senhor Octávio de Faria, quando unimos à desesperação da "Tragédia Burguesa" — porque, nela efetivamente, a condenação original de todos — a desesperação das "Novelas da Masmorra". A paisagem exterior, aqui, também não subsiste. O compromisso cristão, êsse da auscultação interiorizante no reconhecimento existencial do ser, mais se torna denso no intimismo fechado de "Memórias de um Cão danado" e "O Outro".

Já o disse, escrevendo sôbre as vossas novelas, que, e a exemplo do ciclo da "Tragédia Burguesa", já o disse que não se permanecerá em condição de leitor porque a vossa personagem, assim cheia de humanidade e do mistério que envolve a criatura, de tal modo nos obriga à participação que a vemos como parte de nós mesmos. O romancista não volta, pois, e através dessas novelas, para retomar o tema e o processo como se houvesse necessidade de revisão. Não, ele não volta.

Escritor, vocação, oficio

E aí está, senhor Octávio de Faria, porque esta Academia, agora, vos acolhe e aclama. Escritor sois de vocação e ofício e, por isso mesmo, não fizeste outra coisa em uma vida inteira senão escrever, ainda escrever, sempre escrever. E o que importa, sobretudo o que mais importa, é saber que — na fé e testemunho de todos os vossos livros — não há apenas uma contribuição decisiva à literatura brasileira. E, se concorrestes para tornar maior o espaço da ficção de língua portuguesa, foi precisamente porque não traistes o grande inquiridor cristão que viera para o exame e o reconhecimento da criatura.

Esta Academia, e como uma instituição do país e do povo que há muito tempo vos esperava, sente e sabe que cumpriu o dever. Sois o escritor, em verdade, que confirma o nosso respeito pelos melhores.